

APRESENTAÇÃO

A constituição dos campos disciplinares da arquivologia, da biblioteconomia e da museologia no Brasil, que já ocorria desde o início do século XIX, foi resultado, a partir das três primeiras décadas do século XX, de ações pontuais e específicas, ancoradas principalmente na carência de formação especializada em algumas das instituições tradicionais nesses campos, respectivamente o Arquivo Nacional, a Biblioteca Nacional e o Museu Histórico Nacional. Podemos entender este movimento como reflexo de um padrão europeu implantado ainda no século XIX, cujo objetivo fundamental também estava na especialização dos quadros técnicos existentes nas principais instituições detentoras de coleções, num momento em que a afirmação do conceito de patrimônio nacional servia de pano de fundo das iniciativas que se tornavam, dessa maneira, estratégicas.

Ao longo da primeira metade do século XX, esses campos disciplinares não passavam de um conjunto ordenado de conhecimentos técnicos aplicados, visando consolidar, de uma forma geral, um sistema de identificação e de classificação de conjuntos documentais e de coleções artísticas e/ou históricas existentes nos principais arquivos, bibliotecas e museus. Foi a partir da segunda metade do século XX que esses campos começaram uma nova “problematização” de seus objetos de atuação. O diálogo que já existia entre eles, começou a se ampliar, assim como o reconhecimento da natureza interdisciplinar implícita, acompanhado de uma intensa busca de bases teóricas referenciais.

Passados mais de cem anos das primeiras experiências de consolidação dessas bases no Brasil, torna-se um imperativo a compreensão dos vários processos que contribuíram para o cenário contemporâneo da arquivologia, biblioteconomia e museologia. Este é o desafio a que se propõe o atual número da Revista *Acervo*, com a contribuição de especialistas brasileiros e estrangeiros.

Nesta revista estão reunidas experiências que lidam diretamente com a formação, que buscam compreender as matrizes que influenciaram essas três áreas do conhecimento, bem como analisar suas trajetórias e produção científica, como no caso dos artigos de Ivan Coelho de Sá, de Nanci Elizabeth Oddone e de Leandro Coelho Aguiar. Também buscando desvelar a questão da formação, mas em período anterior à criação dos primeiros cursos, Claudio DeNipoti resgata um importante texto de referência, o “Catálogo Sistemático da Biblioteca da Companhia dos Guardas-Marinhas” de José Maria Dantas Pereira.

As trajetórias de cinco instituições e suas relações com o desenvolvimento do campo teórico são o ponto central dos artigos de Renato Pinto Venancio, das portuguesas Madalena Teotónio Pereira Bourbon Ribeiro, Maria Fernanda Fernandes Garcia Rollo e Paula Cristina Veloso Meireles, de Juliana Gesuelli Meirelles, de Marcelo Quintanilha Martins e de Maria Teresa Navarro de Britto Matos e Rita de Cássia Santana de Carvalho Rosado.

O Grupo de Especialistas em Descrição Arquivística, do Conselho Internacional de Arquivos, apresenta as ações para criação de um modelo conceitual para descrição arquivística, Michael J. Fox traz uma análise do conceito de acesso público integrado às coleções da Minnesota Historical Society, Cícero Antônio F. de Almeida e Janaína Lacerda Furtado analisam experiências no campo dos museus, Rosa María Fernández de Zamora discorre sobre o papel do MoWLaC no reconhecimento do patrimônio documental ibero-americano e Talita dos Santos Molina aborda o tratamento de arquivos privados em instituições de preservação do patrimônio cultural.

Há ainda um trabalho sobre a gestão da informação, da comunicação e da extração de conhecimento no governo eletrônico do Uruguai, de Silvana Temesio, e outro que analisa os processos de expulsão de sírios e libaneses do Brasil, de Julio Bittencourt Francisco e Sérgio Lamarão.

Finalmente, a presente edição traz a resenha de Marcos Castro Carvalho sobre o livro de Dilma Cabral, *Lepra, medicina e políticas de saúde no Brasil (1894-1934)*, reedita o texto de Ernst Posner de 1940, “Alguns aspectos do desenvolvimento arquivístico a partir da Revolução Francesa”, um texto clássico, e apresenta entrevista com Celina Vargas do Amaral Peixoto, fundadora do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, e diretora-geral do Arquivo Nacional entre 1980 e 1990.

Com esse amplo leque de temas, abordagens e questões, parece aos editores ser evidente que arquivos, bibliotecas e museus não têm somente origens, objetos, desafios e metas em comum, mas uma história que os liga, no passado, no presente e que necessita ser cada vez mais próxima no futuro.